

5.3. A principal pergunta para a consulta

Este Sínodo coloca a seguinte questão fundamental:

Uma Igreja sinodal, ao anunciar o Evangelho, “caminha em conjunto”. Como é que este “caminho em conjunto” _está a acontecer hoje na vossa Igreja local? Que passos é que o Espírito nos convida a dar para crescermos no nosso “caminhar juntos”? (DP 26)

Ao responder a esta pergunta, somos convidados a:

- *_Recordar as nossas experiências:* que experiências da nossa Igreja particular a interrogação fundamental vos traz à mente?
- *_Reler estas experiências mais profundamente:* Que alegrias proporcionaram? Que dificuldades e obstáculos encontraram? Que feridas fizeram emergir? Que intuições suscitarão?
- *_Colher os frutos para partilhar:* Nestas experiências, onde ressoa a voz do Espírito? O que ela nos pede? Quais são os pontos a confirmar, as perspectivas de mudança, os passos a dar? Onde alcançamos um consenso? Que caminhos se abrem para a nossa Igreja particular?

Para ajudar as pessoas a explorar mais plenamente esta questão fundamental, os seguintes temas destacam aspetos significativos da “sinodalidade vivida” *_(PD, 30)*. Ao responder a estas questões, é útil recordar que “caminhar juntos” *_ocorre de duas formas profundamente interligadas. Primeiro, caminhamos uns com os outros como Povo de Deus. Depois, caminhamos juntos como o Povo de Deus juntamente com toda a família humana. Estas duas perspectivas enriquecem-se mutuamente e são úteis para o nosso discernimento comum no sentido de uma comunhão mais profunda e de uma missão mais frutuosa.*

As perguntas que acompanham cada uns dos dez temas seguintes podem ser utilizadas como ponto de partida ou orientação útil. A conversação e o diálogo não têm necessariamente de estar limitados às perguntas que se seguem:

1. ACOMPANHANTES NO CAMINHO

Na Igreja e na sociedade, estamos lado a lado na mesma estrada. Na nossa Igreja local, quem são aqueles que “caminham juntos”? Quem são aqueles que parecem mais afastados? De que forma somos chamados a crescer como companheiros? Que grupos ou indivíduos são deixados à margem?

2. ESCUTAR

Escutar é o primeiro passo, mas precisa de uma mente e de um coração abertos, sem preconceitos. Como é que Deus nos fala através de vozes que por vezes ignoramos? Como ouvir os leigos, de modo especial as mulheres e os jovens? O que facilita ou inibe a nossa escuta? Como ouvimos os que se encontram nas periferias? Como se integra a contribuição dos consagrados e das consagradas? Quais são alguns dos nossos limites na nossa capacidade de escutar, especialmente aqueles que têm opiniões diferentes das nossas? Que espaço existe para a voz das minorias, especialmente das pessoas que experimentam a pobreza, a marginalização ou a exclusão social? 30

3. FALAR

Todos são convidados a falar com coragem e parrésia, ou seja, em liberdade, verdade e caridade. O que facilita ou dificulta que se fale com coragem, franqueza e responsabilidade na nossa Igreja local e na sociedade? Quando e como é que conseguimos dizer o que é importante para nós? Como funciona a relação com os meios de comunicação locais (não só com os meios de comunicação católicos)? Quem fala em nome da comunidade cristã e como são escolhidas essas pessoas?

4. CELEBRAÇÃO

Só é possível “caminhar juntos” _se assumirmos como base a escuta comunitária da Palavra e a celebração da Eucaristia. Como é que a oração e as celebrações litúrgicas inspiram e guiam realmente a vida e missão comuns na nossa comunidade? Como é que inspiram as nossas decisões mais importantes? Como promovemos a participação ativa de todos os fiéis na liturgia? Que espaço damos à participação nos ministérios de Leitor e de Acólito?

5. PARTILHAR A RESPONSABILIDADE PELA NOSSA MISSÃO COMUM

A sinodalidade está ao serviço da missão da Igreja, na qual todos os membros são chamados a participar. Uma vez que somos todos discípulos missionários, como é que cada batizado é chamado a participar na missão da Igreja? O que impede os batizados de serem ativos na missão? Que áreas da missão estamos a negligenciar? Como é que a comunidade apoia os seus membros que servem a sociedade de várias formas (envolvimento social e político, investigação científica, educação, promoção da justiça social, proteção dos direitos humanos, cuidados com o ambiente, etc.)? Como é que a Igreja ajuda estes membros a viverem o seu serviço à sociedade de forma missionária? Como e por quem é feito o discernimento sobre as escolhas missionárias?

6. DIÁLOGO NA IGREJA E NA SOCIEDADE

O diálogo exige perseverança e paciência, mas também permite a compreensão mútua. Até que ponto as diferentes pessoas da nossa comunidade se reúnem para o diálogo? Quais os lugares e os meios de diálogo no seio da nossa Igreja local? Como promovemos a colaboração com dioceses vizinhas, comunidades religiosas da nossa área, associações e movimentos laicais, etc.? Como abordamos as divergências de visão ou os conflitos e dificuldades? Quais as questões particulares na Igreja e na sociedade a que temos de prestar mais atenção? Que experiências de diálogo e colaboração temos com crentes de outras religiões e com as pessoas que não têm filiação religiosa? Como é que a Igreja dialoga e aprende com outros sectores da sociedade: as esferas da política, da economia, da cultura, da sociedade civil e das pessoas que vivem na pobreza?

7. ECUMENISMO

O diálogo entre cristãos de diferentes confissões, unidos pelo único batismo, tem um lugar especial no caminho sinodal. Que relações tem a nossa comunidade eclesial com membros de outras tradições e confissões cristãs? O que partilhamos e como caminhamos juntos? Que frutos colhemos do nosso caminho em conjunto? Quais as dificuldades? Como podemos dar o próximo passo para caminarmos uns com os outros? 31

8. AUTORIDADE E PARTICIPAÇÃO

Uma Igreja sinodal é uma Igreja participativa e corresponsável. Como é que a nossa comunidade eclesial identifica os objetivos a prosseguir, a forma de os alcançar e os passos a dar? Como é exercida a autoridade ou a governação no seio da nossa Igreja local? Como pomos em prática o trabalho de equipa e a corresponsabilidade? Como e por quem são orientadas as avaliações? Como se tem promovido os ministérios laicais e a responsabilidade dos leigos? Tivemos experiências frutuosas de sinodalidade a nível local? Como funcionam os órgãos sinodais a nível da Igreja local (Conselhos Pastorais nas paróquias e dioceses, Conselho Presbiteral, etc.)? Como podemos promover uma abordagem mais sinodal na nossa participação e liderança?

9. DISCERNIMENTO E DECISÃO

Num estilo sinodal tomamos decisões através do discernimento do que o Espírito Santo está a dizer-nos através de toda a nossa comunidade. Que métodos e processos utilizamos na tomada de decisões? Como podem ser melhorados? Como é que promovemos a participação na tomada de decisões no seio de estruturas hierárquicas? Os nossos métodos de tomada de decisões ajudam-nos a escutar todo o Povo de Deus? Qual a relação entre consulta e tomada de decisões? E como as pomos em prática? Que instrumentos e procedimentos utilizamos para promover a transparência e a responsabilidade? Como podemos crescer no discernimento espiritual comunitário?

10. FORMAR-NOS NA SINODALIDADE

A sinodalidade implica recetividade à mudança, formação e aprendizagem permanente. Como é que a nossa comunidade eclesial forma pessoas mais capazes de “c_aminharem juntas”, de se ouvirem umas às outras, de participarem na missão e de se empenharem no diálogo? Que formação é dada para fomentar o discernimento e o exercício da autoridade de forma sinodal?

O website do Sínodo apresenta algumas sugestões sobre a forma de colocar estas questões a vários grupos de pessoas de forma simples e envolvente. Cada diocese, paróquia ou grupo eclesial não deve ter como objetivo fazer a cobertura de todas as questões, mas deve discernir e concentrar-se nos aspetos da sinodalidade mais pertinentes para o seu contexto. Os participantes são encorajados a partilhar as suas experiências da vida real com honestidade e abertura e a refletir em conjunto sobre o que o Espírito Santo estará a revelar através do que partilham uns com os outros.